



---

## 11º Domingo depois de Pentecostes (31.07.05) Próprio 13

### 1ª leitura - Neemias 9:16-20

Esse texto é uma oração de louvor e ação de graças a Deus pelos seus inumeráveis feitos. É também uma oração de confissão em que o povo se derrama perante Deus e confessa sua infidelidade diante da fidelidade divina. Foi escrito entre os anos 445 a 425 aC.

Neemias foi copeiro do rei Artaxerxes I. Ele era o responsável por provar o vinho que o rei bebia para ver se não estava envenenado. Liderou um grupo que voltou do cativeiro para Jerusalém, onde foi governador e realizou várias reformas. Era um homem habilidoso de coragem e ação. Era dependente de Deus em todas as situações e sempre buscava Nele respostas para suas dificuldades.

Este livro relata suas atividades e também de outros líderes em Jerusalém no período do regresso do cativeiro. Ele foi um dos reconstrutores das muralhas de Jerusalém (3-7) e fez reformas políticas e sociais bastantes significativas. Neemias soube como poucos, aproveitar para o bem, sua posição. Ele que acabou se tornando um conselheiro do rei, não mediu esforços em refazer os muros de Jerusalém.

O livro completa a história da restauração do remanescente que voltara do exílio em Babilônia, restauração que teve início com Esdras. O texto nos mostra o amor de Neemias pelo povo de Deus e sua dedicação à causa da justiça e no estabelecimento do governo divino sobre os homens. *(Rev. Haroldo Mendes)*

**2º. Comentário** - As obras de Crônicas, Esdras/Neemias pertencem ao período pós-exílico. E aqui estamos diante de uma oração de arrependimento e confissão. Há um jogo de anamnesis (memorial, celebração) e amnésia (esquecimento do que Deus fez). A amnésia levou o povo a cair na idolatria, o auto-engrandecimento que ignora a Deus e ao próximo. No Antigo Testamento, a idolatria é expressa num estilo de vida no qual as pessoas não são iguais, mas são descartáveis, dentro de um sistema opressivo de poder.

A anamnesis exalta e agradece a Deus e a sua bondade. Apesar de o povo ter demonstrado retrocesso, querendo voltar ao Egito, quando se viram diante de situação desesperadora, querendo desfazer assim o trabalho de Deus pela libertação, o Senhor deu ao povo o maná no deserto. A liturgia é a celebração da bondade de Deus em Jesus Cristo, apesar da humanidade e da Igreja, que se encontram aquém dessa bondade. Essa confissão faz parte da confissão de apostasia. O importante é observar que a conceituação do pecado da apostasia (ver Esdras 10:14) deve ser contrastada com os Livros de Jonas e Rute e à luz de Gálatas 3:25-29. O importante é sublinhar amnésia versus anamnese". *(Dom Sumio Takatsu)*



## Epístola- Romanos 8:35-39

Há no texto de Romanos uma lista de perigos que a fé enfrenta. Para os cristãos de Roma eram perigos bastante reais. A fome, a nudez, a perseguição e a espada não eram meras figuras de linguagem. Eram os sofrimentos resultantes da opção por seguir a Cristo. Mas Paulo conclui dizendo: "nada pode nos separar do amor de Deus". Infelizmente compreensões equivocadas desse texto têm levado muitas pessoas à decepção, à desilusão e, inclusive, suscitado rebeldias contra Deus e o cristianismo. Quem compreende de modo simplista as palavras de Paulo, pensando que Deus vai nos preservar de qualquer sofrimento, logo se decepcionará quando passar pelas provações e experimentar a angústia.

As palavras de Paulo não são uma promessa vaga de que com a ajuda de Deus nada de ruim nos acontecerá. São muitas as coisas ruins que nos acontecem. Todos estamos expostos às desgraças, calamidades e sofrimentos. São muitos os golpes que sentimos. E tais golpes nos atingem de diversas maneiras: angústia, solidão, desespero, abandono, injustiça, privações diversas, etc.

Quando Paulo afirma que "nada pode nos separar do amor de Deus", ele está dizendo isso a cristãos que realmente renunciaram à vida que o mundo oferecia, renunciaram às seguranças oferecidas pela sociedade, reorientaram seus valores e passaram a sofrer por causa disso. Porém, nessas palavras há uma firme promessa: de que nada pode impedir que realizemos o sentido último de nossa existência. Mesmo as piores situações trazem uma possibilidade criadora, possibilidade que nenhuma força pode destruir. Isso quer dizer que as forças demoníacas, os poderes diabólicos que existem em nossa própria natureza humana, que atuam em nossa sociedade, jamais exercerão sobre nós um domínio indestrutível e que o vínculo que nos une ao amor de Deus nunca poderá ser rompido. Por isso "somos mais que vencedores".

Paulo era capaz de dizer tais coisas porque sabia que essa vitória não depende de nós. Depende de Deus mesmo. Não é nossa força ou a nossa resistência que mantêm a nossa fé. É a força do próprio Deus. A certeza da perseverança e da salvação fundamenta-se no amor e no poder do próprio Deus e não em nós mesmos. Por isso ele está "bem certo" (v.38) que nada pode nos separar do amor de Deus (*Rev. Carlos Eduardo B. Calvani*)

## Santo Evangelho - Mateus 14:13-21

É importante observar que a perícopes de hoje é introduzida com essa referência: "quando soube da morte de João Batista, Jesus partiu..." (v.13). Tudo indica haver íntima relação entre o episódio da multiplicação dos pães e o episódio anteriormente narrado. Dois banquetes são descritos no capítulo 14. O primeiro, promovido por Herodes para ilustres convidados, acabou em morte. João Batista foi decapitado. O segundo, promovido por Jesus, resultou em vida: "todos comeram, ficaram satisfeitos (...) cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças" (v.21). Ao final do primeiro



banquete, até mesmo o rei estava triste (14:9); ao final do segundo, todos estavam satisfeitos.

Nada mais revoltante quando os que têm o poder nas mãos usam esse poder para calar os que lhe incomodam. João Batista incomodava Herodes. Aos poderosos sempre interessa apagar a memória subversiva preservada pelos profetas. Mas essa memória e seu poder permanecem, preservados em atos de compaixão, solidariedade e partilha.

Diversas referências da tradição do Êxodo aparecem no texto. Jesus e as multidões estão “no deserto”. Tal como Deus alimentara o povo no passado com o maná, Jesus também alimenta as multidões provocando solidariedade. Certamente o episódio foi narrado, retransmitido e retrabalhado pela comunidade que fez a redação final tendo em vista a importância da Eucaristia. Nos gestos de Jesus estão os gestos da Tradição da partilha preservada na liturgia: “Jesus tomou os pães, os abençoou, partiu os pães e os deu aos discípulos” (compare com as palavras e gestos da liturgia eucarística).

A atitude de Jesus é motivada pela compaixão. Se o poderoso Herodes não tem compaixão em seu banquete, Jesus tem compaixão de sobra diante da multidão faminta. Se Herodes manda seus empregados cortarem a cabeça do profeta, Jesus ordena aos seus discípulos que tenham compaixão do povo e encontrem uma solução para seu sofrimento. Isso é eucaristia: participar da compaixão de Jesus com gestos práticos de solidariedade e acolhida.

A situação descrita não poderia ser mais crítica – como alimentar uma multidão? A resposta mais viável parece ser também a mais fácil: mandá-los embora. Mas essa seria a atitude dos poderosos. Seria “lavar as mãos” tal como faria Pilatos mais tarde. Jesus não se satisfaz com essa proposta. Ele afirma claramente: “Eles não precisam ir embora. Vocês é que têm de lhes dar de comer” (v.16).

Não podemos correr o risco de diminuir o potencial do texto enfatizando o milagre como uma ação sobrenatural de Jesus. Essa se deu a partir do momento em que alguém se dispôs a partilhar o pouco que tinha. É aí que o milagre começa a acontecer – quando há alimento escondido, quando há recursos ainda não colocados à disposição da comunidade. O milagre maior foi suscitar em quem tinha algo, a disponibilidade para partilhar em favor de todos. A partir daí, outros que talvez tivessem algo guardado apenas para si também se comoveram, se compadeceram, e o milagre aconteceu: todos se alimentaram e os que colocaram o que tinham à disposição da comunidade não se prejudicaram, pois, ao final “sobraram doze cestos cheios”.

A Eucaristia que celebramos dominicalmente deve sempre sinalizar que as coisas podem, sim, ser diferentes, quando não há mesquinha, mas desprendimento. Enquanto houver solidariedade e partilha motivadas pela compaixão, refeições que terminam com vida e alegria serão mais significativas que banquetes que terminam com tristeza e morte. (*Rev. Carlos Eduardo B. Calvani*).